

Revista Escrita  
da História

**Dossiê**  
**História e Linguagens:**  
**História. Ficção. Literatura.**

---

---

**Ano VIII, vol. 8, n. 15**  
**jan./jun. 2021**



ISSN: 2359-0238

# Revista Escrita da História

## CONSELHO EDITORIAL

### Editor-chefe

Luiz Alberto Ornellas Rezende – Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (PPGHS-USP) e Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

### Editores

Jonatas Roque Ribeiro – Doutorando em História pelo programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (PPGH - UNICAMP)  
Paulo Alves Pereira Júnior – Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista (PPGH-UNESP)  
Valquiria Kelly Zanzarini Braga – Mestre em História Econômica pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo (PPGHE-USP)

### Organizadores externos

Ana Carolina de Azevedo Guedes (PUC-RIO); Edson Silva de Lima (UNIRIO); Evander Ruthieri da Silva (UNILA); Maycon Silva Tannis (PUC-RIO).

### Revisão e Diagramação

Mariana da Silva Corrêa

[www.escritadahistoria.com](http://www.escritadahistoria.com)

REH || *Todas as informações presentes nos trabalhos são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.*

ISSN: 2359-0238

# Revista Escrita da História

## CONSELHO CIENTÍFICO

(Biênio 2020-2021)

Angélica Lovato – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Angelo Alves Carrara – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Carlos Batista Prado – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Lincoln Secco – Universidade de São Paulo (USP)

Margarida Maria Dias de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Ana Aguiar Cotrim – Universidade de Brasília (UnB)

Raquel Varela – Universidade Nova de Lisboa (UNL)

Temístocles Cezar – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Timothy Denis Ireland – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Xabier Arrizabalo – Universidade Complutense de Madrid (UCM)

Yunier Sarmiento Ramirez – Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

# Revista Escrita da História

## PARECERISTAS

(Pareceristas doutores convidados que emitiram pareceres sobre trabalhos que foram aprovados, rejeitados ou arquivados entre dezembro de 2020 e dezembro de 2021)

Alexandre Guilherme da Cruz Alves Junior (UNIFAP)

Alfredo Nava Sanchez (UFSJ)

Amanda Cieslak Kapp (UFPR)\*

Andrea Carla Dore (UFPR)

Cristina Antonioevna Dunaeva (UnB)

Edilson Rodrigues Palhares (CEFET-MG)

Eliene Rodrigues Sousa (UNITINS)\*

Eliete Lucia Tiburski (UFRGS)\*

Fernando Antônio de Queiroz Randau (UERJ)\*

Flora Morena Maria Martini de Araújo (UFPR)\*

Francisco Denis Melo (UVA-CE)

Gil Eduardo de Albuquerque Macedo (UFC)\*

Gil Vieira Costa (UNIFESSPA)

Jacqueline Hermann (UFRJ)

James William Goodwin Jr. (CEFET-MG)

Laila Thais Correa e Silva (UNICAMP)\*

Leticia Batistella Silveira Guterres (IF-Farroupilha)

Luciana Fernandes Boeira (UFRGS)\*

Margarida Pontes Timbó (UFC)\*

Maria do Carmo Moreira Aguilar (UFRGS)\*

Moisés Carlos de Amorim (UFMT)\*

Poliana dos Santos (UFAL)

Rafael do Nascimento Souza Brasil (IFRJ)

Roney de Seixas Andrade (UFJF)\*

Rui Manuel Loureiro (ISMAT, Portugal)  
Silvia de Ross (UFPR)\*  
Sonia Ribeiro de Souza (UNIR)  
Tairon Villi Neves da Silva (UFPR)\*\*  
Telma Cristina Delgado Dias Fernandes (UFPB)  
Thiago Augusto Divardim De Oliveira (IFPR)  
Thiago Cavalcante Jeronimo (MACKENZIE)\*  
Thiago Groh de Mello Cesar (UFTO)  
Ubiratã Ferreira Freitas (UFSM)\*  
Virgílio Caixeta Arraes (UnB)  
Vítor Fonseca Figueiredo (UFJF)\*  
Walter Luiz de Andrade Neves (UFRJ)\*  
Rodrigo Carvalho da Silveira (IFRJ)  
Sofia Alves Valle Ornelas (UFG)  
Larissa Brum Leite Gusmão Pinheiro (UFPR)\*  
Naiara Krachenski Stadler (UFPR)\*  
Hilton Costa (UFPR)\*  
Rhuan Targino Zaleski Trindade (UFPR)\*  
Anne Caroline da Rocha Moraes (UFPR)\*\*  
Noemia Paula Fontanela de Moura Cordeiro (UFPR)\*\*  
José Antonio Fernandes (USP)\*  
Maybel Sulamita de Oliveira (UNIRIO)\*\*  
Bruno Sousa Silva Godinho (UNIRIO)\*\*  
Carlos Cesar de Lima Veras (UFRJ)\*\*  
Adílio Jorge Marques (UFVJM)  
Renato Lopes Pessanha (UNIRIO)\*\*

\* Doutorado concluído na referida instituição.

\*\* Mestrado concluído na referida instituição.

## SUMÁRIO

EDITORIAL ..... II

### APRESENTAÇÃO

Valquiria Kelly Zanzarini Braga; Ana Carolina de Azevedo Guedes; Edson Silva de Lima; Evander Ruthieri da Silva; Maycon Silva Tannis. .... VII

### DOSSIÊ: HISTÓRIA E LINGUAGENS: HISTÓRIA. FICÇÃO. LITERATURA.

1. *Notas sobre A Conceição, de Tomás Antônio Gonzaga*  
Jean Pierre Chauvin e Cleber Vinicius do Amaral Felipe ..... 11

2. *Os fragmentos de Ernest Hemingway e a narrativa do século XX*  
João Arthur Macieira ..... 35

3. *As aporias do sujeito no romance de Samuel Beckett*  
Lucas Peleias Gahiosk ..... 58

4. *O mar, o leviatã e os selvagens: o discurso épico na forma literária de Moby Dick, de Herman Melville*  
Gabriel Francalanci Pessoa ..... 76

5. *Política nas páginas de um romance: realismo e bonapartismo em O Conde de Monte Cristo, (1844) de Alexandre Dumas*  
Mateus Ribeiro de Sant'ana ..... 107

6. *O estranho desejo de viajar – o witz (chiste) nas narrativas de Wanderlust (BBC- Netflix, 2018) e Master of None (Netflix, 2015)*  
Aline Magalhães Pinto ..... 127

### ARTIGOS LIVRES

7. *O estereótipo da loucura como instrumento de controle biopolítico sobre a mulher nos primeiros anos da república brasileira*  
Carolina Bessa Duarte ..... 143

8. *Uma ode e um ensaio: Gonçalves de Magalhães e o patriotismo romântico nos primeiros anos da independência*  
Felipe Augusto Tkac ..... 170

9. <i>As batalhas de Olavo Bilac na imprensa carioca: o folhetim Sanatorium como expressão do autoritarismo do governo de Floriano Peixoto</i> Mirella Ribeiro Pinto .....	194
10. <i>Domingos Olímpio: o escritor, a obra e os espaços de escrita</i> Igor Emanuel Ramos Barroso .....	216
11. <i>“A Hora da Estrela” entre a história e a literatura: algumas reflexões acerca das decorrências do contexto migratório nordestino sob a perspectiva dos estudos culturais</i> Stephanie Miranda dos Santos; Gustavo dos Santos Souza; Rosimeire Régis dos Santos ....	244
12. <i>Representações de gênero na obra Diva de José de Alencar</i> Isadora Mélo E. Costa e Lívia Assumpção Vairo dos Santos .....	263





## EDITORIAL

Um ano decisivo para a sociedade brasileira se inicia. Comemoraremos, isto é, relembremos coletivamente o segundo centenário de nossa independência política, em meio à intensificação das políticas neoliberais que aceleram o desmanche do Estado e nos afastam ainda mais, após 200 anos, de nossa busca pela independência econômica. Assistiremos a mais uma temporada de desfiles pseudonacionalistas, protagonizados por quem se veste de verde e amarelo para entregar o país aos interesses imperialistas, com apoio de amplos setores de uma burguesia nacional, que já nada produz e vive do rentismo amplificado pelos governos neoliberais que comandaram o país nas últimas décadas.

Mais do que nunca, a ciência agoniza em nosso país, refletindo o desmonte do Estado. É imperativa uma saída política que corrija os problemas estruturais do país e inicie um novo ciclo de crescimento, que reverta o processo de desindustrialização em curso desde os anos 1980 e que tenha no investimento maciço em ciência um de seus principais motores.

O protagonismo dos periódicos brasileiros dentro das Ciências Humanas, defendido pelo Fórum de Editores de periódicos da ANPUH-Brasil, que este Conselho Editorial subscreve e reproduz na página seguinte, embora importante, só faz sentido em meio a uma política de expansão e valorização das ciências no Brasil. O que assistimos, no presente momento, é o oposto. Compreender o contexto em que estamos, isto é, fazer a análise de conjuntura, dever de casa de todo militante, e tarefa pouco exercitada pela academia, é o primeiro e, talvez, o mais importante passo para definirmos nossas prioridades e bandeiras. Em outras palavras, lidas exaustivamente, “quem erra na análise, erra na ação”.

É em meio a esse cenário, de disputa de narrativas e relativização do passado, dos fatos e, portanto, incompreensão do presente e da “verdade”, que apresentamos ao público em geral nosso 15º número, que abarca o dossiê *História e linguagens: história, ficção e literatura*, apresentado nas próximas páginas. Boa leitura a todas e todos!

*Conselho Editorial da Revista Escrita da História*  
Abril de 2022

## Por uma política de valorização das revistas acadêmicas na área de História

### Editorial coletivo do Fórum de Editores de periódicos da ANPUH-Brasil, subscrito pelo Conselho Editorial da Revista Escrita da História

Nas últimas três décadas, o lugar e o papel dos artigos científicos publicados nos periódicos ampliaram-se significativamente no campo das Humanidades, seja como parte de mudanças no universo de potenciais autores e leitores devido à expansão de cursos de graduação e pós-graduação, seja este processo resultado, em parte, da indução da avaliação feita pela CAPES, a agência de consolidação da pós-graduação nacional. No entanto, apesar do crescente volume de artigos e de revistas publicados (incluindo periódicos discentes), não observamos um crescimento equivalente nos usos destas referências, tanto em outros artigos, teses e dissertações e livros quanto sua presença em ementas de cursos de graduação e pós-graduação. Caberia perguntar: será que lemos e acompanhamos os artigos que saem nos periódicos, ao menos, nas áreas de nossas especialidades?

A resposta parece ser não, o que pode indicar uma certa distorção: apesar de ser um elemento altamente valorizado na avaliação dos programas de pós-graduação, e envolver um grande trabalho de avaliação e edição por parte das equipes editoriais de periódicos, bem como de produção e aperfeiçoamento de cada artigo avaliado, sua inserção no cotidiano de docentes e pesquisadores em História não parece ser central. Se tomarmos como certo que os artigos deveriam representar os primeiros resultados de pesquisas originais, não caberia a nós, como comunidade, valorizá-los? Nos arriscamos a dizer que duas ações deveriam ser pensadas de modo a contribuir com uma desejável mudança neste quadro: primeiramente, uma ampliação nos usos de artigos científicos na prática de pesquisa, de formação, de ensino e de preparo e seleção de novos pesquisadores; além disso, o reconhecimento pleno dos trabalhos realizados pelas equipes editoriais (editores de periódicos e avaliadores/pareceristas, em especial), em sua dimensão técnica e, sobretudo, acadêmica.

É um consenso partilhado entre nós a importância dos livros autorais como fruto da consolidação de pesquisas originais, muitas delas acumuladas ao longo de anos. Os artigos de periódico, no entanto, podem ter outra função: a de apresentar novidades de pesquisas, de abordagens, de revisões do campo historiográfico, de reflexões sobre a docência e sua prática etc., cujo caráter exploratório é sempre bem-vindo. Seria salutar que alguma reflexão sobre seus formatos estivesse presente nos nossos espaços formativos. Mas provavelmente a questão passe por um gargalo: como nós, enquanto campo, desejamos potencializar a leitura e o uso dos artigos publicados se durante a formação do historiador (no nível de graduação e pós-graduação) a imensa maioria dos itens bibliográficos das ementas disciplinares são de livros? E mesmo os textos obrigatórios valorizam capítulos muito mais que artigos? Sem uma formação que prepare

a comunidade historiadora para consultar, usar e refletir sobre este tipo de referência, considerando inclusive a crescente multiplicação de ferramentas digitais que subsidiam indexadores e bases de periódicos plurais, dificilmente este quadro se alterará.

Observando o que as revistas do campo têm feito ultimamente, cabe apontar que utilizamos muito pouco o que oferecem para reflexão e atividades de formação. Além dos tradicionais dossiês, as seções de debate, informes de pesquisas, entrevistas, blogs, entre outros, e mais recentemente *lives* e discussões *online* que aumentaram progressivamente com a pandemia iniciada em 2020, quase nada disso parece ser material orgânico de discussão sobre seus temas e produções. Poucos são os cursos que promovem reflexão e acompanhamento de revistas nas áreas especializadas, dentro e fora do Brasil, o que pode ser especialmente significativo na pós-graduação, onde a necessidade de atualização das novas pesquisas diante da produção referente a cada tema é imperiosa, devido ao fato dos periódicos serem veículos de comunicação das pesquisas mais recentes, bem como espaços de interações recorrentes. E o que dizer de cursos que promovam atividades formativas acerca da produção editorial em seus vários níveis, até mesmo de avaliadores, o que conta com ainda experiências inovadoras muito pontuais.

Ao mesmo tempo que esse conjunto de indícios sugere um baixo investimento na qualificação do debate acadêmico, *stricto sensu*, convoca a comunidade de historiadores a reavaliar e aperfeiçoar suas práticas. Nada disso fará sentido se não investirmos na valorização do trabalho editorial como um todo: a atuação dos editores, conselhos, assistentes e avaliadores. Este processo envolve ao menos dois âmbitos, fundamentais para o fortalecimento do debate qualificado no campo da história: (a) reconhecimento institucional do trabalho acadêmico e técnico daqueles envolvidos no processo de edição de um periódico; e (b) reconhecimento do trabalho acadêmico na elaboração dos pareceres dos artigos avaliados.

A atuação das equipes, em seus mais variados níveis, requer um reconhecimento institucional que talvez deva ter um forte arrimo dentro de nossos próprios departamentos, programas, universidades, sem contar nossa avaliação como pesquisadores e docentes. A condução e execução dos trabalhos dos periódicos requer horas a fio de trabalho voluntário em prol do campo científico e, na imensa maioria das vezes, sequer é levado em conta como atividade profissional pelas instituições – salvo raríssimas exceções. O mesmo se pode dizer dos trabalhos dos discentes envolvidos nos processos de editoração de periódicos que deveriam ter computadas, ao menos, as horas que essas atividades tomam, se as entendemos realmente como experiência central na sua formação. Os editores arcam com o tempo, o acúmulo de trabalho (vale dizer que quanto menor o periódico, mais o trabalho é centralizado em poucas pessoas), a dificuldade de encontrar pareceristas especialistas dispostos e disponíveis para análise de nossos artigos, o restrito apoio técnico institucional que os obriga à busca pelo aprendizado sobre novas

ferramentas de gestão editorial, de controle de originalidade, de indexação e de difusão de nossa produção, incessantemente, tudo para garantir a publicação de nossos artigos mantendo o rigor da periodicidade mais adequada possível.

Infelizmente não é muito diferente no trabalho dos pareceristas. Na imensa maioria, temos uma atuação praticamente voluntária e anônima, em que a demanda pela sua grande especialização e qualidade do parecer tem um mínimo de reconhecimento (uma declaração de atividade realizada, a ser computado em relatórios de atividades de departamentos e/ou no programa), que é bem aquém da contrapartida ofertada. Não à toa, não há revista que não enfrente atualmente dificuldade em encontrar pareceristas, e ainda mais dispostos e com tempo para dedicação às avaliações. Enquanto não valorizarmos o trabalho dos pareceristas como produção intelectual sumamente qualificada, novamente estaremos com poucas possibilidades de reverter o quadro. Ainda mais diante dos novos desafios que se colocam às revistas hoje em dia para que sejam veículos muito mais dinâmicos e ativos na interação com a comunidade, e menos simples repositórios de textos.

Arriscamos dizer que o reconhecimento de todas essas etapas de produção e avaliação pode apontar para um saudável caminho contrário ao produtivismo, em prol de uma cultura de maior leitura e interação com os periódicos. Alterar a cultura consolidada da área no que toca às revistas, e incentivar uma maior experimentação diante das possibilidades atuais das plataformas digitais é algo mais que bem-vindo atualmente, mas que demanda tempo precioso de trabalho de todas e todos nós.

Se nada disso é possível sem recursos humanos e técnicos qualificados, é inviável sem recursos financeiros. Editar um periódico de qualidade exige recursos financeiros no pagamento de equipes especializadas – revisão, tradução, diagramação, apoio de secretários/assistentes editoriais, marcação XML, hospedagem de sistema de gerenciamento do fluxo editorial, registro DOI, acompanhamento dos processos de indexação entre outros. A mudança do suporte de papel para o digital pode ter apresentado uma ideia ilusória de que os custos se reduziram. No entanto, de modo geral, os custos ficam equivalentes ou maiores, na medida em que trabalhos mais especializados se tornaram imperativos, assim como a necessidade de criação/disponibilização de sistemas que garantam não apenas o acesso digital no curto e médio, mas também sistemas digitais que assegurem a guarda e o acesso a nossas produções no longo prazo. Afinal, são esses acervos que testemunham parte substantiva de nosso debate historiográfico e, portanto, de sua memória. Neste sentido, financiar a publicação de um livro é muito mais fácil do que o complexo processo editorial que sustenta cada artigo publicado em uma revista acadêmica, cujo exigente trabalho, constante e qualificado, não pode ser como que sorrateiramente embutido nas tarefas de docência e pesquisa.

Neste sentido, a demanda por recursos financeiros é mais que urgente, seja nacionalmente, seja em nossas instituições e programas. Sua falta tem levado ao encerramento da atividade de vários periódicos, desde pequenos títulos até mesmo revistas academicamente consolidadas e do mais alto estrato no sistema de avaliação nacional. Uma posição hegemônica dentro da área de história e recorrente em grande parte das Humanidades é que os periódicos não devem realizar cobranças de taxas, seja dos autores (normalmente nomeadas como ‘taxa de processamento de artigo’, APC, *article processing charge*), seja dos leitores (taxas de assinaturas ou de acesso). Deste modo, e considerando que o vínculo da grande maioria das revistas é com as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, as alternativas são as chamadas públicas da modalidade programa editorial. Dentre estes sistemas de financiamento são poucos os que contemplam os novos periódicos e os que ainda não foram amplamente indexados; em geral, o foco tem sido os periódicos indexados nas grandes bases de dados nacionais e internacionais. As alternativas seriam as Fundações de Apoio e recursos das próprias IES, no entanto, têm sido cada vez mais raros esses editais. Ainda assim, raramente essas agências financiadoras contemplam este grupo.<sup>1</sup> O estrangulamento financeiro dos periódicos alija as comunidades de pesquisa no seu processo de crescimento e consolidação acadêmica, além de comprometer e reduzir a pluralidade de tópicos de pesquisa e, com isso, a bibliodiversidade do campo.

Diante do grave cenário nacional de descaso e flagrante desfinanciamento das pesquisas, que eleva esse quadro complexo a desafios presentes e futuros ainda mais exigentes, nossa atuação política é conclamada a uma dupla empreitada, que só podemos enfrentar na convergência de esforços. A primeira é lutar pelo reconhecimento e pelo financiamento, sempre! Mas é também fundamental lembrar o quanto pode ser crucial uma cultura de pesquisa e formação que valorize as revistas científicas da área, no âmbito do uso e dos trabalhos para sua produção.

## Referências

SITUAÇÃO DOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS brasileiros. *Academia Brasileira de Ciências*. 11 jun. 2021. Disponível em: <http://www.abc.org.br/2021/06/11/manifestacao-situacao-dos-periodicos-cientificos-brasileiros/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

---

<sup>1</sup> Destaca-se que o problema do financiamento tem sido generalizado, como destaca a Academia Brasileira de Ciências (SITUAÇÃO DOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS..., 2021).